

## Índice

Perspetiva Nevski (1834/5)	9
O Nariz (1835)	45
O Retrato (1835)	71
O Capote (1941)	125
O Diário de Um Louco (1834/5)	157
A Caleche (1836)	181
Notas	195
Posfácio: Fragmento de <i>Nikolai Gogol</i> de Vladimir Nabokov	199



## PERSPETIVA NEVSKI

Não há nada mais lindo do que a Perspetiva<sup>1</sup> Nevski, pelo menos em Petersburgo; na nossa cidade, ela é tudo. Como brilha, como cintila a menina dos olhos da nossa capital! Sei que nenhum dos seus pálidos habitantes, funcionário ou não funcionário, a trocaria por nada deste mundo. Não me refiro apenas ao jovem de vinte e cinco anos, de belo bigode e sobrecasaca de corte perfeito, mas também ao senhor de barbas brancas e crânio liso como uma bandeja de prata... sim, também ele é um apaixonado pela Perspetiva Nevski. E as senhoras! Ah, as senhoras adoram-na. Aliás, quem não gosta dela? Entra-se na Perspetiva Nevski e é-se como que convidado a participar num longo e indefinível cortejo. Podemos ter alguma coisa importante e urgente a tratar, mas a partir do momento em que pomos um pé na Perspetiva Nevski, esquecemo-nos de tudo o que tínhamos para fazer. É o único lugar onde as pessoas se mostram por nenhuma razão especial, o único lugar para onde não são empurradas pela necessidade ou pelo interesse mercantil que domina toda a Petersburgo. O género de pessoa com que nos deparamos na Perspetiva Nevski é talvez menos egoísta do que o que podemos encontrar na Morskaja, na Gorokhovaia, na Liteinaia, na Mechanskaia e noutras ruas<sup>2</sup> onde a cobiça e a ganância se mostram nos rostos dos transeuntes e dos ocupantes das carruagens e dos *drojkis*<sup>3</sup>. A Perspetiva Nevski é a principal artéria de Petersburgo. O residente nos bairros de Petersburgo ou de Viborg, que já não veja um seu amigo das Areias ou da Barreira de Moscovo há algum tempo, tem a certeza de que aqui o encontra. Não há lista de moradas ou gabinete de informações que forneçam dados mais exatos do que a Perspetiva Nevski.

Ó Perspetiva Nevski, que tudo podes! És única distração numa cidade tão pobre de divertimentos! E que bem varridos os seus passeios, e quantos pés, meu Deus, deixaram nela as suas marcas! A bota suja e cambada do veterano cujo peso parece ser capaz de rachar o próprio granito, o minúsculo sapatinho, leve como o fumo, da jovem dama que vira a cabeça bonita para as luzes das montras das lojas como o girassol para o sol, o ruído metálico do sabre do esperançoso alferes que risca o passeio com o seu violento arranhão, tudo a marca com a potência da força ou a potência da fraqueza. Que rápida fantasmagoria aqui perpassa ao longo de um único dia! Quantas vezes muda em vinte e quatro horas! Começamos pelas primeiras horas do dia, quando toda a Petersburgo cheira a pão quente acabado de cozer e fervilha de velhas embiocadas nos seus andrajos que acodem às igrejas e pedem esmola aos transeuntes compassivos. A esta hora, a Perspetiva Nevski está vazia: os avantajados donos das lojas e os seus caixeiros ainda dormem, enroupados nas suas camisas de noite holandesas, ou ensaboam a bochecha generosa e tomam café; os pedintes amontoam-se à porta das pastelarias, onde um Ganimedes sonolento, que ainda ontem voava como uma mosca servindo chocolate, sai à rua de vassoura na mão e sem gravata e lhes atira bolos da véspera e outras sobras. A procissão dos mesteres mais humildes arrasta-se pela calçada: de vez em quando, atravessam a rua mujiques russos que se apressam para o trabalho, com as botas tão sujas de cal que nem o Canal Ekaterinski, famoso pela pureza das suas águas, seria capaz de as lavar. A esta hora manda o decoro que as senhoras não saiam à rua, pois o povoléu gosta de se exprimir num vernáculo tão cerrado que por certo nem mesmo no teatro ouviriam. Às vezes, de pasta debaixo do braço, a arrastar os pés, caminha um funcionário sonolento, caso o seu trajeto para o departamento passe pela Perspetiva Nevski. Pode dizer-se categoricamente que a esta hora, quer dizer, até ao meio-dia, a Perspetiva Nevski não é um destino, mas apenas o meio para um fim: enche-se pouco a pouco de gente que nem sequer pensa nela, de tão ocupada que está com os seus afazeres, com as suas preocupações, com os seus problemas. O mujique resmunga qualquer coisa sobre dez copeques ou sete tostões de cobre, os velhos e as velhas abanam as mãos ou falam sozinhos, às vezes com gestos bastante expressivos, mas ninguém lhes presta atenção ou se ri deles,

a não ser, quando muito, os garotos de batas de tecido caseiro às riscas que correm como setas pela Perspetiva Nevski com garrafas vazias ou entregas de botas novas nas mãos. A esta hora, podeis usar o que quiserdes, boné de bico em vez de chapéu, ou terdes as pontas do colarinho demasiado saídas por cima da gravata... ninguém repara.

Ao meio-dia irrompem na Perspetiva Nevski os precetores de todas as nacionalidades com os seus educandos de colarinhos de cambraia. Os John ingleses e os Cocq franceses vão de braço dado com os pupilos entregues aos seus cuidados paternais e explicam-lhes, com a gravidade adequada, que as tabuletas por cima das portas das lojas são para se saber o que se vende lá dentro. As precetoras, misses pálidas, eslavas coradas, caminham majestosamente atrás das suas meninas esbeltas e irrequietas, dizendo-lhes que levantem um pouco mais os ombros e endireitem as costas; resumindo, a esta hora, a Perspetiva Nevski é uma Perspetiva Nevski pedagógica. Mas com o aproximar das duas horas, o número de precetores, pedagogos e crianças diminui, suplantadas que são pelos seus queridos papás, de braço dado com as suas amigas de nervos frágeis e vestidas de todas as cores. A pouco e pouco juntam-se-lhes todos os que terminaram as suas importantíssimas tarefas domésticas, a saber: falaram com o médico sobre o tempo e a pequena borbulha que lhes nasceu no nariz; informaram-se da saúde dos cavalos ou dos filhos que, diga-se, revelam grandes talentos; leram o cartaz do teatro ou um importante artigo de jornal sobre quem chegou e quem partiu; e por fim, tomaram uma chávena de café ou de chá. A estes juntam-se também aqueles a quem o destino invejável concedeu o título bendito de funcionários em comissão de serviço, assim como aqueles que trabalham nos Negócios Estrangeiros e se distinguem pela nobreza das suas ocupações e dos seus hábitos. Meu Deus, quantos cargos esplêndidos e quantas funções esplêndidas existem!

Como elevam e deleitam a alma! Infelizmente, não sou funcionário, e assim estou privado do prazer de fruir do trato refinado dos meus superiores. Tudo o que agora os olhos veem na Perspetiva Nevski está impregnado de decoro: homens de sobrecasacas compridas e de mãos nos bolsos, senhoras de redingotes de cetim e chapéus cor-de-rosa, brancos e azuis-celestes. Encontraremos aqui suíças únicas no seu género, metidas com uma arte extraordinária e espantosa sob

a gravata, suíças aveludadas, acetinadas, negras como zibelina ou carvão, mas, infelizmente é apenas privilégio do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Aos funcionários dos outros departamentos, a Providência recusou as suíças pretas, o que os obriga, para seu grande desgosto, a usarem as ruivas. Encontraremos aqui bigodes prodigiosos, que nenhuma pena ou pincel consegue descrever; bigodes a cujo crescimento foi dedicada a maior parte da vida, objeto de longas horas de vigília diurna e noturna, bigodes que foram aspergidos por maravilhosos perfumes e fragrâncias e ungidos pelas pomadas mais preciosas e raras, bigodes que passam a noite embrulhados em delicado papel velino, bigodes a que os donos se afeiçoam da maneira mais comovente e que são a inveja de quem os vê. Quem quer que passeie pela Perspetiva Nevski deslumbra-se com os milhares de modelos de chapéus, vestidos, lenços diáfanos de todas as cores, que por vezes gozam da afeição das suas possuidoras durante dois dias seguidos. É como se todo um mar de borboletas levantasse subitamente voo e ondulasse como uma nuvem brilhante sobre os escaravelhos pretos do sexo forte. Encontraremos aqui cinturas como nunca vimos, nem sequer em sonhos: delgadas, finas, não mais largas do que um gargalo de garrafa e das quais nos afastaremos respeitosamente para as não molestarmos, por acaso e imprudência, com o cotovelo mal-educado, quando com elas nos cruzamos; do nosso coração apodera-se a timidez e o medo de que um simples descuido ao respirar possa quebrar aquela adorável obra da natureza e da arte. E as mangas das senhoras que encontramos na Perspetiva Nevski! Uma pura delícia! Podíamos compará-las a aeróstatos que ascenderiam no ar a qualquer momento, levando com eles a respetiva dama, se o cavalheiro que a acompanha a não mantivesse presa ao chão; na verdade, levantar uma senhora no ar é tão fácil e agradável como erguer uma taça de champanhe e levá-la aos lábios.

Em lado nenhum as pessoas fazem vénias com tanta nobreza e naturalidade como na Perspetiva Nevski. Aqui podemos ver um sorriso único, um sorriso que é o auge da arte e que poderia derreter-nos de prazer, ou um sorriso que nos faz sentir mais humildes do que um fio de erva e baixamos a cabeça, ou outro ainda que nos faz sentir que somos mais altos do que a flecha do Almirantado, e então levantamo-la bem alto. Aqui ouviremos pessoas que peroram sobre um concer-

to ou o tempo da maneira mais distinta possível e com uma dignidade notável. Encontraremos mil personagens, mil fenómenos impossíveis de descrever. Santo Deus, que personagens estranhas se encontram na Perspetiva Nevski! Há muitas pessoas que, ao passarmos por elas, nos olham infalivelmente para as botas, e depois de passarmos, se voltam para trás para apreciarem as abas da casaca. Até hoje, ainda não compreendi porque isto é assim. Ao princípio, pensei que fossem sapateiros, mas não, nada disso: trata-se, na maioria dos casos, de funcionários de diversos departamentos, muitos deles capazes de redigir excelentes memorandos de uma repartição para outra, ou então são pessoas cuja ocupação é passear e ler jornais nas pastelarias; numa palavra, na sua maioria, pessoas muito respeitáveis.

É nesta hora, entre as duas e as três da tarde — o zénite do dia na Perspetiva Nevski —, que podemos gozar o grande espetáculo de todas as melhores criações do génio humano. Este exhibe uma sobrecasaca da última moda com uma gola de pele de castor da melhor qualidade; aquele, um soberbo nariz grego; um terceiro ostenta umas excelentes suíças; uma quarta, uns olhos bonitos e um chapéu notável; um quinto, um anel de sinete no elegante dedo mínimo; uma sexta, o pezinho encastado no mais encantador dos sapatinhos; um sétimo, uma gravata que suscita a admiração universal; um oitavo, um bigode que deixa pasmado quem o contempla.

Mas ao bater das três, a exposição termina, a multidão rarefaz-se... Às três horas dá-se uma nova mudança. De repente chega a primavera à Perspetiva Nevski: esta cobre-se toda de funcionários de uniformes verdes. Com a fome, conselheiros titulares<sup>4</sup>, áulicos e outros caminham o mais depressa que podem. Os jovens registadores de colégio, os secretários provinciais e de colégio, ansiosos por tirar o melhor partido do tempo livre que lhes resta, passeiam pela Perspetiva Nevski cheios de dignidade, mostrando ao mundo que não passaram as últimas seis horas sentados num escritório. Mas os secretários de colégio, conselheiros titulares e áulicos de mais idade caminham rapidamente e de cabeça baixa, pois não se podem permitir perder tempo a contemplar os transeuntes... ainda não se desligaram completamente das preocupações do dia e transportam na cabeça toda a confusão dos processos abertos e a aguardar a conclusão; durante muito tempo, ao olharem para as tabuletas das lojas, parecer-lhes-á